

AFROS & AMAZÔNICOS



MITOS DE ORIGEM EM QUILOMBO AMAZÔNICO: UM ESTUDO EM ÁFRICA E LARANJITUBA

Origin Myths in the Amazon Quilombo: A Study in Africa and Laranjituba

*Silvandra Cardoso Gonçalves**

*Gustavo Henrique Barbosa***

*Ana D'Arc Martins de Azevedo****

Resumo: Localizadas em várias regiões, as comunidades quilombolas fazem parte da paisagem brasileira, este artigo traz reflexões sobre mitos de origem de um quilombo amazônico chamado África e Laranjituba, localizado na cidade de Abaetetuba, no Pará, Brasil. Teve por base uma pesquisa de campo exploratória e descritiva, realizada em um curso de especialização entre 2015 e 2018, cujo objetivo visou refletir sobre a importância do mito de origem de comunidades quilombolas, a fim de compreender como esse mito atua na configuração do espaço étnico quilombola. A problemática em questão é: de que forma os mitos de origem apresentados pela tradição oral estabelecem a identidade de um espaço quilombola? Como metodologia foram utilizadas bibliografias que têm como objeto o grupo quilombola. Nesses trabalhos, as narrativas sobre a história do lugar expressam seu mito de origem, assim como entrevistas com os quilombolas da comunidade de estudo. A base teórica que sustenta esse trabalho está centrada na Teoria do mito, do imaginário e da memória. Destaco Barthes (1999); Anderson (2017), Maffesoli (2001).

Palavras-chave: Mito de Origem; Imaginário; Memória; Quilombo.

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada sobre os mitos de origem do quilombo amazônico África e Laranjituba entre os anos de 2015 e 2018. Esse Quilombo está localizado na cidade de Abaetetuba, no Pará, no ramal Caeté.

O *lócus* da pesquisa é o quilombo África e Laranjituba, no processo que a torna quilombola, constrói sua nova ordem

social por meio da referência da história de origem, mudando a sua dinâmica a partir da Associação Quilombola do Baixo Caeté (AQUIBAC), instituída em 2001. Hoje essa associação desenvolve as ações do grupo quilombola no sentido econômico, político e cultural, e essas experiências de grupo se tornam importantes para refletir sobre a identidade quilombola e a configuração do seu território.

Na região em que está situada a comunidade quilombola África e Laranjituba, na Vila Caeté, havia uma etnia cujo nome era Caetés. Os índios Caetés, segundo os relatos dos moradores, foram indígenas que trabalharam nas terras de Raimundo Barata sobre a proteção dos padres jesuítas para a construção da igreja da Irmandade de Nazaré, ainda preservada pelas comunidades da região. A comunidade quilombola de Caeté tem, em seu interior, uma igreja construída pelos indígenas Caetés. Esse grupo, portanto, faz parte do imaginário da região como representação

* Graduada em História pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e especialista em Relações étnico-raciais para o Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Saberes, linguagem e práticas educacionais na Amazônia pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).

** Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor do Centro Federal de Educação Técnica e Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

*** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade da Amazônia (UNAMA).



de um quilombo provindo dos indígenas em interação com os negros.

A região do Baixo Caeté, onde fica a África e Laranjituba e outras comunidades, localiza-se entre as regiões dos municípios do Moju e do município de Abaetetuba: regiões que hoje agregam várias comunidades quilombolas e que, no passado, alguns de seus territórios foram ocupados como espaços de resistência.

Segundo a Fundação Pró Índio São Paulo, as terras tituladas na região do Baixo Caeté são: comunidade São Jorge e Cacoal, ainda em processo de titulação, comunidade Caeté, já titulada em 24/05/2008, comunidade Samaúma, titulada em 19/09/2008 e África e Laranjituba, titulada em 24/05/2008. Todas pertencentes, segundo as narrativas dos moradores, ao sesmeiro Raimundo Barata.

Ao adentrar na região do Baixo Caeté, onde está situado o quilombo África e Laranjituba, impressionam com a vegetação do lugar. A presença de árvores de castanheiras, áreas de várzeas em razão da cercania de igarapés e açais caracterizam a paisagem do quilombo. O igarapé chama-se Caeté e fica localizado em torno da comunidade, desaguando no Rio Moju. O igarapé Caeté foi utilizado por muito tempo pelos moradores, era o caminho mais curto antes da construção da rodovia Alça Viária para escoar suas mercadorias comerciais. Hoje, por meio das conquistas quilombolas, o que era apenas um longo caminho até a rodovia Alça Viária, transformou-se no ramal do Caeté, a principal via de acesso. A iluminação pública, água encanada, escola etc., também foram frutos dessas conquistas.

O quilombo África e Laranjituba em sua nova configuração, a partir do ano de 2001, buscou a unificação jurídica. O que antes eram duas comunidades distintas, África e Laranjituba, com a unificação, decidiram unir forças tornando-se a Associação Quilombola África e Laranjituba. Ambas possuem um grau de parentesco muito forte, cujo sobrenome de maior pre-

dominância é o “Moraes” vinculado à memória genealógica do cativo Luiz Rezende de Moraes, Negro protagonista do mito de origem do quilombo África e Laranjituba.

O Sr. João, assumiu, em 2014, a responsabilidade de ser o presidente e administrador de um território quilombola. Ele relatou as dificuldades de trabalhar no espaço quilombola. Pois os projetos que são liberados pelo Governo Federal, que atendem comunidades quilombolas, devem ser realizados no âmbito da coletividade. Com base na Constituição, todo espaço quilombola passa a ser visto como um espaço coletivo.

Assim, o território étnico quilombola é explicado por uma consciência mítica que serviu de base para a formação cultural dos quilombos hoje. Criar-se as associações, transformar-se o território em um espaço coletivo, foram atitudes fundamentais para que as práticas culturais fossem restabelecidas como forma de marca de um território quilombola.

A comunidade quilombola aciona suas memórias sobre os negros fundadores. Logo, as suas narrativas estão relacionadas com as histórias dos negros que vieram do continente africano que segundo Salles (2005, p. 46): “A política escravista desenvolvida nos meados do século XVII trouxe para a região Norte do Brasil os primeiros negros africanos”, e deixaram marcas na sociedade amazônica, com suas identidades expressadas pelos atuais quilombos brasileiros.

Nos últimos 30 anos, os descendentes de africanos, em todo o território nacional, organizados em Associações Quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade (LEITE, 2000).

Atualmente os quilombos foram reconhecidos pelo governo brasileiro, a partir da promulgação do Artigo 68 do Ato das disposições Constitucionais Transitórias



(ADCT) na Constituição Federal de 1988. Segundo o texto, são territórios culturalmente diferenciados, onde seus moradores se autodenominam quilombolas.

As comunidades tradicionais brasileiras, hoje autodeclarada como “quilombos”, configuram seus espaços por meio de suas histórias marcadas pelo contexto que faz referência aos territórios étnicos. O território étnico quilombola é compreendido por possuir sua especificidade. Segundo Anjos,

O território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma autoafirmação política-social-econômica-territorial. (ANJOS, 2005, p. 4)

Para Munanga (1999), o contexto que fundamenta os espaços quilombolas de hoje é fruto de um período de muita resistência dos negros por meio da formação de quilombos no século XVIII. Para o autor “esses territórios foram compreendidos como uma espécie de campos de resistências, aberto a todos os oprimidos da sociedade” (MUNANGA, 1999, p. 63). As ações desses grupos, no passado, em razão da resistência, configuram, hoje, em várias regiões do Brasil, em destaque o Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pará, as comunidades quilombolas. As manifestações culturais que expressam essas comunidades quilombolas são resultado deste contexto.

Gomes e Queiroz (2003) destacam que a formação dos quilombos ou mocambos, constituídos por vários grupos sociais, não eram formados somente por negros. Ou seja, os encontros interétnicos eram inevitáveis entre índios e negros, pois por motivos diversos trabalhavam juntos.

Nesse sentido, as formações de quilombos ocorriam pelas fugas e alianças entre os cativos de etnias diferentes. Os

contatos interétnicos deram-se em razão da circulação de experiências, principalmente nas fronteiras da Amazônia. Dizem os autores:

Em várias áreas da Amazônia, grupos de fugitivos negros associaram-se aos indígenas, formando comunidades. “No final do século XIX, o Barão de Marajó afirmou que índios e negros dos mocambos se comunicavam com as malocas de negros que povoavam as cabeceiras do Saracá e Suriname na colônia holandesa”. (GOMES; QUEIROS, 2003, p. 150)

Nos estudos com grupos afro-brasileiros quilombolas, pode-se perceber as memórias subterrâneas sendo transmitidas de diferentes formas. Pois, a identidade negra brasileira foi constituída por meio do tempo por narrativas que revelam histórias do povo negro. Quais são os lugares das memórias subterrâneas do grupo negro? Na música, nos ritmos, nos sabores culinários, danças, religiosidade etc.

Hoje as comunidades quilombolas, no Pará, representam espaços de resistências culturais. São famílias que moram nesses territórios e responsáveis pelas dinâmicas quilombolas das gerações atuais.

É interessante mencionar Hannerz (1997), para discutir as identidades dos grupos étnicos como algo em fluxos de tradições culturais, no qual valores ao serem contrastados entre os diferentes, tornam as relações sociais complexas e ressignificam suas práticas. Nesse sentido, as identidades são marcadas por relações de poder e disputas no processo de interações sociais entre grupos, uma vez que:

Por estarem em constante movimento, sendo sempre recriados, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros. Levar o processo a sério quer dizer também manter as pessoas nesse quadro. E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la. (HANNERZ, 1997, p. 12)

Na região amazônica “o caminho de Pedras no Abacatal” é uma das maneiras



de referir-se ao quilombo de Abacatal. Marin e Castro (2004) tratam das experiências sociais da comunidade quilombola, situada no município de Ananindeua no estado do Pará. O mito de origem do quilombo de Abacatal é apresentado pelos descendentes da negra Olímpia que gerou três filhas com o conde de Coma Mello. Os moradores narram que, um conde de nome Coma Mello, proprietário das terras, não podia ter filhos com sua mulher e teve com Olímpia, que vivia sob o regime de escravidão, três filhas de nomes Maria, que deram origem às três famílias mais conhecidas em Abacatal: Rosa, Barbosa e Costa.

Nos estudos de Souza (2007), o quilombola de Abacatal fala da importância da história do quilombo por meio da negra Olímpia: “Para nós, quando todo mundo pergunta: por que você é quilombola? A gente sempre fala: Porque nós somos descendentes. Que prova você tem? Aí tem o caminho das pedras, e tem o resto do engenho” (SOUZA, 2007, p. 67).

O caminho das pedras é um espaço ressignificado que representa a luta dos moradores de Abacatal que tem no mito de origem um dos fatores mais importantes de sua etnicidade. O partilhar um passado comum, ser descendente, é o que liga essa população à terra, e lhes confere o direito a ela. Para os moradores de Abacatal, o caminho das pedras foi construído pelos negros, sob o regime da escravidão, para o conde de Mello atravessar o igarapé Uriboquinha até chegar ao engenho de cana-de-açúcar de sua propriedade.

Hoje, quando perguntam por que um(a) morador(a) é quilombola, os componentes de laços afetivos e sociais são acionados por sua ancestralidade. Citando Anderson (2017, p. 110): o “quilombismo de hoje é um ato de reapropriação, recriação, renomeação, recentralização, reterritorialização”, presente nas narrativas dos quilombolas quando acionam suas histórias de origem das comunidades quilombolas.

Na atualidade, as comunidades quilombolas buscam se organizar de forma

associativa para representar esses espaços de resistência cultural que, segundo Costa et al (2008, p. 35), são famílias que residem nesses territórios, o que:

Perfazem um movimento de reprodução sociocultural neste espaço dos sítios locais, marcada por uma ancestralidade dos grupos familiares e do próprio território. As terras onde se encontram os povoados locais concernem a uma área de ocupação antiga, objeto de colonização em épocas distintas. (COSTA et al, 2008, p. 35)

Na perspectiva da base teórica do mito, o movimento de reprodução sociocultural acionado pelas comunidades quilombolas é fomentado pelo sistema de comunicação, no qual as comunidades, no seu processo de autoidentificação quilombola, buscaram reconstruir a história do lugar. É uma mensagem que narra como os espaços quilombolas se originaram pelos seus ancestrais, um modo de significação pelo qual eles se reconhecem como herdeiros. Em síntese, a coletividade quilombola expressa o fenômeno do mito, que atravessa o tempo, podendo ser observado pelas crenças, sentimentos, imagens, manifestações culturais e organização sociopolítica.

Assim, as reflexões sobre mitos de origem no quilombo amazônico tratadas neste artigo, estão veiculadas ao problema de estudo da pesquisa: Quais os mitos de origem do Quilombo Amazônico África e Laranjituba?

Como método, o estudo denominado pesquisa de campo exploratória e descritiva, vinculada a um curso de especialização no estado do Pará, realizada no período de 2015 e 2018, e que neste artigo está em discussão, por meio de alguns recortes, optou-se pela análise da tradição oral da comunidade quilombola em estudo. Nesta pesquisa foram entrevistados sete quilombolas que fazem parte da Associação Quilombola do Baixo Caeté (AQUIBAC).

Os diálogos foram organizados em dois núcleos temáticos: Conhecendo os quilombolas e o diálogo com os quilombolas. Para Souza (2007, p. 75), a forma de



apresentar seu diálogo com os entrevistados em núcleos temáticos facilita o acesso às narrativas que ao longo do texto vai sendo apresentado. O primeiro eixo “Conhecendo os quilombolas” destaca a relação do indivíduo com o espaço quilombola. O segundo eixo “O diálogo com os quilombolas”. Traz desdobramentos sobre as experiências dos quilombolas e a configuração do território étnico. O procedimento para as entrevistas ocorreu da seguinte maneira: diálogo com sete quilombolas. Destes, três diálogos foram em suas casas; os outros dois no local de trabalho.

Acrescenta-se o fato de que o conhecimento acerca desses mitos de caráter identitário é decisivo para aumentar as chances de sua manutenção, pois fazendo um levantamento teórico sobre mitos de origem em quilombos, verifica-se ausência de uma discussão mais profunda, em torno do tema que ecoassem narrativas sobre a história que fundamentam seus territórios em narrar o lugar e as suas origens.

Neste texto apresentam-se, inicialmente, as bases teóricas do estudo e a metodologia; em seguida são tecidas as reflexões sobre mitos de origem em quilombo amazônico África e Laranjituba; e, por último, as considerações finais.

Mitos de origem

O mito é a tradição permeada pela linguagem, pela “reapropriação do espaço discursivo” configurando o espaço étnico como um quilombo, o que os permite dialogar com o Estado, resistir, existir. Sobre a literatura negra no Brasil argumenta que, “desde que os brancos têm estabelecido o contrato de identidade racial, é uma tarefa dos negros reapropriarem, recriarem e renomearem o seu mundo” (BERND, 1988 *apud* ANDERSON, 2017, p. 105).

O mito sempre se revela aos mais jovens por meio de uma narrativa e de repetição de cerimônias, tentando ou explicando algo produzido que justifique a existência da sociedade, sua história, sua própria memória cultural, que é o sentido da vida.

Quando somos apresentados ao mito, a ideia que se tem é que se trata de algo velho, mas no final, percebe-se que ele se renova, na figura do homem das cavernas quando se depara com o raio e o trovão, é o mito que dá sentido a esse novo conhecimento adquirido; o jovem quando caça na floresta, os sons que são ouvidos só podem ser explicados, por meio de sua consciência mítica (OLIVEIRA; LIMA, 2006).

Os mitos de origens dos quilombos brasileiros estão relacionados à sua história. O mito é a história de sua origem, enquanto quilombo. As dinâmicas do grupo África e Laranjituba selecionados para o estudo e o olhar sobre o seu território têm como base o mito de origem. A existência do que hoje se conhece como quilombo, está no processo vivido destas comunidades que as levou, segundo Oliveira e Lima, por meio do

Processo de contar, ler, ouvir as narrativas, possibilitar as gerações mais jovens à compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive. (OLIVEIRA; LIMA, 2006, p. 5)

Dessa forma, pode-se definir a mensagem que carrega o mito, a partir da definição de mito, segundo Eliade, o mito que conta uma história sagrada

Relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os



mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. (ELIADE, 1972, p. 06)

O autor considera o mito como uma história sagrada e, portanto, a história que dá origem às explicações das existências, no caso aqui, as realidades referentes ao universo quilombola transformado em narrativas que revelam sua preciosa história, “O mito cosmogônico”. Por meio do mito, os quilombolas conhecem a história de origem de seu lugar e passam a construir estratégias sociopolíticas. A história sagrada dá origem ao grupo social quilombola que passa a recriar e criar suas formas de organizações.

O mito de origem discutido no referendo trabalho é compreendido na perspectiva como uma mensagem expressa pelos interlocutores quilombolas de diferentes formas. Uma “fala”, uma linguagem de condições específicas. Segundo Barthes (1978, p. 131): “são necessárias condições especiais para que a fala se transforme em mito”, não podendo ser compreendido como “um objeto, um conceito ou uma ideia”, pois é a história que transforma o real em discurso, e o mito que proclama a existência das coisas é uma mensagem escolhida pela própria historicidade do grupo.

O conjunto de imagens que arquiteta os espaços quilombolas e que são apresentados por eles como lugares ou objetos de valores significativos é produzido por meio da linguagem. A “fala” é o veículo que transporta não apenas informações, mas elementos com significados importantes. Pois, de acordo com Barthes (1978, p. 132): “toda imagem deve ser considerada fala exatamente como um artigo de jornal, os próprios objetos poderão transformar-se em fala se significarem alguma coisa”.

Tem-se aí o mito como uma linguagem de expressão humana presente nas ações dos grupos quilombolas, como expressão humana carregada de significação. Dessa forma, a configuração do território quilombola pode ser entendida como

uma manifestação sociopolítica, constituída por meio da linguagem mítica quando o grupo étnico acionou sua história.

Mitos de origem: o caso do Quilombo África e Laranjituba

O mito de origem do quilombo África e Laranjituba, é proferido por narrativas de moradores locais na configuração do seu espaço étnico. Essas narrativas partem da história do negro fundador Luís Rezende de Moraes que fazia parte do grupo de africanos comprados para trabalhar nas terras de Raimundo Barata, um sesmeiro da época. Em meio a muitos negros, Luiz Rezende de Moraes era o que viajava por toda a região com a função de “reprodutor”, gerar filhos para tornarem-se escravos.

Quando o quilombola narra “a gente é uma associação quilombola”, a criação se faz presente, pois há uma identidade sendo expressa, que consiste em renunciar ao território particular, na crença da formação cultural do grupo quilombola.

Em 2015, durante a primeira visita ao quilombo África e Laranjituba para desenvolver a pesquisa, a primeira autora deste artigo, diante dos diálogos anteriores com a comunidade, pôde levantar algumas hipóteses para o estudo, em relação à configuração do território étnico quilombola com questões apresentadas nas narrativas orais, no que diz respeito à história-origem do lugar. A presença mítica dos negros fundadores: Luiz Rezende e seu filho Honório são elementos determinantes na forma de organização política do quilombo.

Nas diferentes versões do mito de origem do quilombo África e Laranjituba, o sesmeiro Raimundo Barata morreu e, no contexto, o negro Luiz Rezende de Moraes escolheu uma das mulheres com a qual coabitou e a tomou como esposa, que teve de sete a nove filhos. Ele a levou para Samaúma, uns dos lugares que ficam em torno da comunidade, e, junto, levou seu filho Honório, um filho que teve com outra mulher com quem tinha uma relação muito próxima. Quando eles chegaram a Samaú-



ma, os outros filhos dele com a mulher que ele escolheu como esposa não aceitaram que seu filho Honório, dito bastardo, ficasse com eles, e decidiram matá-lo:

Rezende disse não! O filho é meu e eu é que tenho que matá-lo. Rezende sai de Samaúma e vem para África. Imagina-se que naquela época era uma mata muito fechada, daqui para Samaúma deve dar mais ou menos 1 km. Ele deixa seu filho chamado Honório como morto, no espaço onde hoje está o barracão da comunidade África e a escola. Rezende percorre um caminho que hoje a comunidade realiza o turismo de base comunitária. A famosa trilha “não é por acaso que existe” e chega até Cacoal e traz uma das mulheres e dá para seu filho como esposa. Honório teve nove filhos com essa mulher e é daí que veio a nossos avôs, pais e tios nossa origem. A um dado momento as pessoas começam se dividir por conta de territórios de espaços para plantar e se deslocam para Laranjituba e criam todo um processo. (Morador Antonio. Narrativa concedida em 28/10/2015)

As narrativas sobre a história do lugar destacam um imaginário que arquitetou alguns projetos sociais do Quilombo pesquisado, no processo inicial de associação quilombola. O imaginário do negro Luís Rezende e sua trajetória tornou possível a institucionalização de os quilombos África e Laranjituba. No percurso realizado pelo negro Luiz Rezende de Moraes para salvar a vida de seu filho Honório, a comunidade realiza, atualmente, o passeio do turismo de base comunitária. O caminho percorrido por Luís Rezende transformou-se em uma trilha de valor significativa para os moradores.

Os valores significantes atribuídos pelos quilombolas em suas narrativas, quando relacionam a sua história por meio do negro fundador com a trilha e outros espaços de memórias, pode compreender o mito como um sistema particular de sentido e forma:

O significante do mito apresenta-se de uma maneira ambígua: é simultaneamente sentido e forma, pleno de um lado e vazio de outro. Enquanto sentido, o significado postula já uma leitura, apreendido com os olhos, ele tem uma realidade

sensorial, tem uma riqueza. No sentido, já está constituída uma significação, o sentido já está completo, postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de ideias, de decisões. (BARTHES, 1978, p.139)

O barracão, por exemplo, destacado nas narrativas, é o local de recepção a todos que chegam à comunidade, pois foi o lugar onde o negro Honório, filho bastardo de Luís Rezende, foi deixado para construir sua família. Sobre isso, em destaque:

A primeira trilha, existe há bastante tempo. Essa trilha interliga África e Laranjituba. É a trilha tradicional que já tem mais de 300 anos, ela tem uma relação muito forte com a origem da comunidade. Hoje a comunidade África e Laranjituba desde 2017 construíram suas trilhas internas. (Morador Antonio. Entrevista concedida em 28/10/2018)

Como pode-se observar nos relatos, há uma relação entre o mito de origem ligado ao Negro Luiz Rezende de Moraes e a própria configuração do espaço do quilombo. Hoje são ressignificados e servem para a renda ligada ao turismo de base comunitária. Para Maffesoli (2001, p. 76): “a existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens”. O barracão da comunidade e o caminho da trilha são pontos que fazem referências aos seus ancestrais e revelam a origem de sua história.

Os barracões são muito antes da titulação quilombola, o barracão de Laranjituba é bem mais antigo, o barracão da comunidade África é bem mais recente e ampliado para o projeto da cerâmica. É um espaço de referência para comunidade. Ele foi construído com o intuito de atender as necessidades particulares da família, com o passar do tempo ele acaba sendo reorganizado para atender as demandas das questões de identidade, de cultura do quilombo. (Morador Antonio. Entrevista concedida em 28/10/2018)

São memórias de um contexto que também simboliza a seguir:

Primeiro a gente não sabia nada não dava importância para nada, a minha avó contava muito história dos escravos, que a mãe dela, os tios eram escravos, a gente nem ligava para isso, se a gen-



te prestasse atenção hoje nós sabíamos muita coisa. Ela fala que a mãe dela veio da África no navio negreiro, aí ela trouxe uma candeia que era da minha bisavó. O nome África era porque eles vieram da África. No tempo dos escravos que eles eram muito mal, o senhor a mandou carregar uma tina cheia de mandioca, ela não dava conta de arriba, aí ele deu uma lapada nela com o cabo do rodo e ela se levantou, ele dizia que não dava conta. Quando foi no outro dia ela morreu, minha avó contava que era assim que o pessoal dela que era escrava morria na mão dos senhores. (Morador Antonio. Entrevista concedida em 28/10/2018)

A candeia apresentada pelo morador quilombola é uma espécie de lamparina de barro, o objeto o enfatiza, o exemplo de lugar de memória.

São exemplos que cabem apresentar, por exemplo, em Boa Vista, no município de Parelhas, no sertão do Rio Grande do Norte, está situada a comunidade quilombola “Os Filhos de Teresa”, que segundo Cavignac (2007), essa comunidade apresenta-se parte do Quilombo dos Palmares. Sua história é apresentada por diferentes versões que narram a origem do seu território, na qual a negra Teresa fundou. A tradição narrada tem como interlocutor seu Emiliano:

Essa aldeia de negro começou de uma mulher. Começou de uma Luzia. Luzia, não, era Tereza, começou de uma Tereza. Essa Tereza, dizem que era negra retirante, vinha de não sei de onde, vinha bem de lá. Porque ninguém sabe de onde essa Tereza vinha. Agora, quando chegou, era um ano seco. O ano era seco quando chegou aqui. Tinha tal de um coronel Gurjão. Essa Tereza ficou na casa dele, como criada, como sendo da casa, criada da casa. Ela não ficou como escrava. Ela ficou como criada da casa, e quando ele passou esses negócios de terreno aqui de Boa Vista para ela, esse Coronel Gurjão, mas ninguém sabe quando foi isso... Porque minha avó é de 1825, a minha avó. E minha bisavó, de onde já vem? Eu já sou da quinta geração dela, dessa Tereza. (CAVIGNAC, 2007, p. 85)

Seu Emiliano, por meio da memória, reconstrói o caminho que marca a chegada da negra fundadora, na qual faz refe-

rência a história do lugar. Outras narrativas do mito de origem estão no território da comunidade quilombola de Pontinha, no município de Paraopeba, cidade de Minas Gerais. Nesse sentido, essa comunidade, estabelece ligações em comum com diferentes comunidades, quando o mito do negro fundador é acionado por elas.

Essa comunidade pertence aos herdeiros do Chico Rei, conhecido como rei do Congo. Silva apresenta a narrativa de Antônio Joaquim Mascarenhas morador da região:

Na África havia um rei de nome Galanga que foi capturado por caçadores de escravos. Junto ao rei foram capturados uns quatrocentos homens e mulheres. Levados para a praia até o navio negreiro Madalena. De acordo com o Vaticano, os portugueses não podiam transportar pagãos em seus navios. Então, apareceu um padre, de nome André de Paiva, que, apressadamente, batizou de uma só vez a todos, dizendo que os homens se chamariam Francisco e as mulheres Maria. E foram embarcados rumo ao Brasil. (SILVA, 2008, p. 48-49)

Silva (2008) destaca que o mito do Chico Rei foi acionado por outras comunidades da região central de Minas Gerais, pois o ritual do congado, bastante fluente na região, faz referência ao Congo de Chico Rei. Dessa forma, o ritual do congado e outras práticas culturais estabelecem uma ligação com a história do negro fundador, que não está restrito apenas por um espaço físico, mas a um sentimento coletivo, pautado no conceito de etnicidade como:

Uma forma de organização social baseada na atribuição categórica que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciados. (BARTH, 2000, p. 141)

Em referência ao Quilombo pesquisado, a narrativa de Antônio e de dona Rosa apresentam “histórias”, isto é, narram uma série de experiências verificadas num passado que destaca os protagonistas que deram origem ao quilombo África e Laranjuba, Honório, filho do negro Luiz Rezen-



de de Moraes e sua esposa. Todos esses personagens têm uma característica em comum: são frutos de um contexto que geram os espaços quilombolas de hoje. Nas reflexões de dona Rosa, “retiro” refere-se à associação dos quilombolas, um lugar que pode relacionar com espaço para discussões, planejamentos, ou seja, de relações sociais e políticas dos associados. O retiro é aquele espaço que os moradores da zona rural constroem, em suas roças, para permanecerem o dia todo de trabalho na agricultura.

Meu pai era lá da beira do rio da outra comunidade Moju-Miri... Minha avó era Marcolina e meu avô Honório. Ela era filha de senhor, branca do cabelo seco, filha do senhor com uma preta, o cabelo dela negava a origem dela. Aí eles fizeram um retiro, um lugar dos quilombolas. (Moradora Rosa. Entrevista concedida em 27/10/2018)

Pelo exposto, Anderson (2017), considera que os mitos são importantes no aspecto de sua função, de sua atuação no meio social e nas suas múltiplas configurações por meio do seu sentido, pois estão presentes nos quilombos das mais variadas regiões do Brasil, sendo tema fundamental nos discursos quilombolas quando expressam suas histórias, como por exemplo, o conhecido lendário Zumbi dos Palmares, que:

Textualizada em crônicas e historiografias luso-brasileiras, narrativas orais, prosa em ficção, poesia escrita, letra de música popular, cinema, teatro, artes plásticas e polêmica política, ao longo de trezentos anos. Esta produção cultural é vasta e diversa, e a matéria épica de Palmares reflete uma riqueza de invenções brasileiras. O lendário Zumbi ainda está muito vivo, de modo que esta invenção continua com vigor, oferecendo-nos uma rara vista de um mito no processo de fabricação. (ANDERSON, 2017, p. 100)

A história de origem das comunidades é contada com vivacidade para reafirmar seus descendentes e a existência do grupo no processo de autoidentificação quilombola. Aos poucos, resignificando-se por meio do mito do negro fundador, pois, segundo Anderson (2017, p. 101): “os

mitos estão presos à cultura que os gera e que são geradas por eles”. É identidade quilombola gestada pelo mito de origem, quando acionada pelo artigo 68 da Constituição Federal de 1988.

Durante a experiência de pesquisa de campo, pôde-se conhecer algumas manifestações culturais na comunidade, no que diz respeito à herança da identidade afro-indígena, como a presença do carimbó, expressa hoje na comunidade pela memória do Mestre Jorge, falecido em janeiro de 2014. Através da arte do mestre, a comunidade quilombola África e Laranjitiba expressa-se durante o ano em vários espaços. Seu grupo musical de carimbó, Filhos de Quilombo, composto de músicos e intérprete e o grupo de dança Quizomba de carimbó, composto por dançarinos da comunidade: jovens, crianças, adultos e os idosos, juntos, representam sua a comunidade.

Antigamente, a concepção do mito era entendida no sentido apenas religioso, hoje há uma alteração no sentido do uso. Para Sironneau (1985, p. 262): “o mito tende, assim, a se tornar ideologia ou visão de mundo”. “Representação coletiva específica de um grupo” (Sironneau, 1985, p. 258). O mito como uma narrativa que explica a origem de um grupo social, seus membros. Passam a compreender seu universo. O grupo quilombola compreende suas realidades a partir de sua história, e discutem questões complexas referentes a seu universo social quilombola.

As histórias dos diferentes quilombos brasileiros são exemplos de histórias veladas, cuja memória tem seu papel fundamental. Nesse sentido, segundo Nora (1993, p. 22), “o lugar da memória” não pode ser compreendido como um lugar qualquer ou mesmo um esforço de lembrar, mas como lugares que, a eles foram atribuídos significados de afetos.

Considerações finais

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu compreender o mito como um sis-



tema de comunicação que configura espaços étnicos quilombolas, na perspectiva da mensagem que este discurso carrega. O mito está presente como uma mensagem que tem como objetivo expressar as origens dos diversos quilombos no Brasil. A mensagem é uma história que destaca seus protagonistas e representantes de cada comunidade. São eles os negros fundadores, demarcando territórios e fazendo parte do mito de origem presente nas narrativas quilombolas.

Os trabalhos que foram utilizados como referência para selecionar histórias de origem dos quilombos apresentaram seus mitos fundadores: Chico Rei, a negra Tereza, a negra Olímpia e o negro Luiz Rezende, todos ligados ao meio ambiente quilombola.

As comunidades quilombolas brasileiras, nas últimas décadas, vêm adquirindo visibilidade social, sobretudo a partir da Constituição Federal de 1988, com o “Artigo 68”, nelas estão presentes dinâmicas de organizações políticas.

No quilombo África e Laranjituba, a partir da informação sobre o artigo 68, os moradores se reconheceram enquanto quilombolas e, a partir de então, buscaram se organizar por meio de associação. Resgatar suas tradições e buscar melhorias estruturais para a comunidade são as suas metas.

Nesta nova dinâmica quilombola, a coletividade na comunidade se tornou sua força maior, pois por meio de sua participação no meio político, reuniões entre eles e a inserção da mesma na vida daqueles que os visitam (estudantes, pesquisadores e outros), a comunidade África e Laranjituba ganha visibilidade social e traça seus próximos projetos vinculados ao “ser quilombola”.

O quilombo África e Laranjituba, a partir de 2001, buscou reconstruir a sua história. Ao compartilhar, perceber-se nas narrativas como o mito de origem, interveio em sua arquitetura, pois vários espaços contam fatos da história do quilombo.

A trilha representa, na memória dos quilombolas, a passagem que leva o negro Honório filho, bastardo de Luiz Resende, para o lugar que hoje é o quilombo. O lugar do barracão representa o espaço onde Luís Rezende deixou seu filho Honório para constituir sua família. Temos, neste momento, o mito, como uma fala que anuncia o nascimento de um território étnico quilombola. Ressaltamos, ainda, o fato de que o imaginário se constrói pelo discurso de autoafirmação de uma ancestralidade.

A memória por meio da tradição oral pode ser considerada a responsável em edificar o espaço de ancestralidade. Pois crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade já ouviram falar da representação dos cativos Luís Rezende de Moraes e seu filho Honório. E que, de alguma forma, o mito de origem do quilombo faz parte do meio ambiente dos moradores.

Referências

- ANDERSON, Robert. **O mito de Zumbi:** implicações culturais para o Brasil e para a diáspora africana. *Afro-Ásia*, n. 17, 2017.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios de comunidades quilombolas do Brasil:** segunda configuração espacial. 2005.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-67.
- BARTHES R. **Mitologias.** Rio de Janeiro: Editora Difel, 1978.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette. **Os filhos de Tereza:** narrativas e religiosidade na Boa Vista dos Negros/RN. 42, 2007.
- COSTA, R. de C. P. da et al. **“Como uma comunidade”:** formas associativas em Santo ANTONIO/PA: imbricações entre parentesco, gênero e identidade. UFPA. 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Tradução de Pola Civelli. São Paulo, 1972.



GOMES, Flávio dos Santos; QUEIROZ, Jonas Marçal. **Em outras margens:** Escravidão africana, fronteiras e etnicidade na Amazônia. Organizadora Mary Del Priores, Flávio dos Santos Gomes- Rio de Janeiro- Elsevier, 2003.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana:** Estudos de Antropologia Social, 3 (1). Rio de Janeiro: Relume Dumará; PPGAS – Museu Nacional/UFRJ, p. 7-39, 1997.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

MARIN, R. A & CASTRO, E. **No caminho de pedras de Abacatal** – experiência social de grupos negros no Pará. NAEA/UFPA, Belém, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antônia Silva. O mito na formação da identidade. *Revista Dialógica*, v. 1, n. 1, 2006.

SALLES, Vicente. **O Negro No Pará:** sob o regime da escravidão. 3ª edição. Belém, 2005.

SILVA, Ricardo Álvares da. **“Herdeiros de Chico Rei”:** Mito de origem e etnogênese da comunidade quilombola de Pontinha. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SIRONNEAU, Jean-Pierre. Retorno do mito e imaginário sócio-político e organizacional. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 11, n. 1-2, p. 257-273, 1985.

SOUZA, Ercília Maria Soares et al. **Processos identitários e suas vicissitudes**

em uma comunidade quilombola. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2007.

-----//-----

Abstract: Located in several regions, quilombola communities are part of the Brazilian landscape, this article brings reflections on myths of origin of an Amazonian quilombo called Africa and Laranjitiba located in the city of Abaetetuba, in Pará, Brazil. It was based on an exploratory and descriptive field research, carried out in a specialization course between 2015 and 2018, whose objective was to reflect on the importance of the myth of origin of quilombola communities, in order to understand how this myth acts in the configuration of the ethnic space. quilombola. The issue at hand is: how do the origin myths presented by oral tradition establish the identity of a quilombola space? As a methodology, bibliographies were used that have the quilombola group as their object. In these works, the narratives about the history of the place express its myth of origin, as well as interviews with the quilombolas of the study community. The theoretical basis that supports this work is centered on the Theory of Myth, Imaginary and Memory. I highlight Barthes (1999); Anderson (2017), Maffesoli (2001).

Keywords: Myth of Origin; Imaginary; Memory; Quilombo.

Recebido em: 17 de abril de 2022.

Aceito em: 29 de abril de 2022.